



Estratégia alimentar

Diretor aposta em planos

Dechen diz que etanol não será um vilão, mas País precisará se proteger

A alta global dos preços dos alimentos, que ameaça os esforços mundiais contra a pobreza, não deve mexer

com a economia local, ao contrário de comentários recorrentes que já colocam mercado e investidores em clima de apreensão. A análise foi feita ontem (5), à Gazeta, pelo professor e engenheiro agrônomo, Roque Dechen, diretor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq). Aparentado como um dos vilões do problema, o etanol (álcool combustível), que pode ser fabricado a partir de alimentos, vai continuar em alta, desde que, segundo Dechen, o País se debruce sobre a questão de maneira estratégica e séria. A comunidade internacional interpreta que a utilização de alimentos para a produção de combustíveis, ainda que os mesmos sejam ecologicamente corretos, abriria caminho para a escassez crônica do setor.

O Brasil não passará pelo olho do furacão da possível crise. Isso porque, entre outros pontos, a rentabilidade da cana-de-açúcar, no mercado, é notável. Ao contrário dos Estados Unidos, que produzem o álcool a partir do milho, a cana domina por aqui. Temos cana adaptada ao clima, áreas férteis e outros fatores que não substituirão o atual panorama", salienta. Os ventos, entretanto, tendem a mudar se o Brasil não pensar em alternativas mais inteligentes para conter prováveis intempéries.

"Não temos carência de outros alimentos. Até por conta disso, o etanol prevalece. No entanto, se outra nação oferecer o mesmo produto com mais qualidade, garantindo estoques reguladores e até a pro-



Christiano Diehl Neto

Dechen, diretor da Esalq

teção internacional, o mercado pode migrar para o país mais preparado. Não adianta ter potencial agrícola sem apostar na excelência do produto. O agricultor, por sua vez,

também não vai produzir cana ou outra biomassa, se não houver lucro em caixa", pondera. É, na verdade, uma preocupação interna e externa.

●**CERRADO NA ÁFRICA.** Dechen exemplifica o feijão, que, ano passado, teve o preço elevado às alturas. "Na época, houve grande procura. Esse ano, o valor deve cair. É o sobe e desce do mercado", salienta. O diretor da Esalq conta que bem-estruturado sob o aspecto agrícola, o Brasil poderia atuar na África, onde a fome é bem mais aguda que a urgência pela produção de combustíveis limpos. "O solo africano é semelhante ao do cerrado brasileiro. Lá, a cana serviria como alimento", salienta.

(LUCIANA CARNEVALE, especial para a Gazeta)